

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
A INICIAÇÃO AO CINEMA: EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES  
ALAIN BERGALA / CRESCER NO CINEMA  
19 de Fevereiro de 2013

## A PERFECT WORLD / 1993 (Um Mundo Perfeito)

Um filme de Clint Eastwood

**Realização:** Clint Eastwood / **Argumento:** John Lee Hancock / **Direcção de Fotografia:** Jack N. Green / **Design de Produção:** Henry Bumstead / **Direcção Artística:** Jack Taylor Jr. / **Guarda-Roupa:** Erica Edell Phillips / **Música:** Lennie Niehaus / **Som:** Jeff Wexler e Bobby Fernandez / **Montagem:** Joel Cox e Ron Spang / **Interpretação:** Kevin Costner (Butch Haynes), Clint Eastwood (Red Garnett), Laura Dern (Sally Gerber), T. J. Lowther (Phillip Perry), Keith Szarabajka (Terry Pugh), Leo Burmester (Tom Adier), Paul Hewitt (Dick Scuttie), Bradley Whitford (Bobby Lee), Ray McKinnon (Bradley), Jennifer Griffin (Gladys Perry), Leslie Flowers (Naomi Perry), Belinda Flowers (Ruth Perry), etc.

**Produção:** Malpaso / **Produtores:** Mark Johnson e David Valdes / **Distribuição:** Warner Bros. / **Cópia:** em 35mm, colorida, legendada em sueco e electronicamente em português, 137 minutos / **Estreia em Portugal:** 17 de Dezembro de 1993, nos cinemas Alfa 3, Amoreiras 6, Fonte Nova 1, Monumental e São Jorge 1 (Lisboa) e em cinemas de Cascais, Almada, Setúbal, Barreiro, Porto, Coimbra, Caldas da Rainha e Funchal.

*Sessão apresentada por Alain Bergala*

---

O percurso de Clint Eastwood, quer no que toca a sua carreira de actor e realizador, quer no que toca à evolução e às cambiantes da sua *persona* cinematográfica, é por esta altura já bem conhecido. Não só a decisiva viragem na atitude da critica perante a sua figura e os seus filmes mas também, e de modo indissociável, pelo trabalho de decomposição de uma "imagem de marca" adquirida no começo da carreira (e que lhe valeu a fama e o estrelato), lenta e metodicamente posta à prova ao longo da sua carreira de realizador. Nesse sentido, alguns dos melhores filmes de Clint Eastwood são sempre também filmes sobre ele próprio e sobre a sua *persona*. **A Perfect World** (tal como **Unforgiven**, filme anterior ao desta sessão e, por motivos que veremos, formando quase um díptico com ele) é um dos filmes onde esse trabalho de "decomposição" mais claramente se revela.

Como "toda a gente" sabe, Clint Eastwood ascendeu ao céu das estrelas de cinema graças às suas participações nos "western-spaghetti" de Sérgio Leone e venceu decididamente a sua imagem de marca com a personagem de Dirty Harry no filme de Don Siegel com o mesmo nome e na série que se lhe seguiu. Aliás, era a Leone e a Siegel que Eastwood dedicava **Unforgiven**. À pose solitária e empedernida que criou nos "westerns" de Leone, Eastwood acrescentava na personagem de Dirty Harry uma aura justiceira e "milicianiana", visível no modo como eliminava os "párias da sociedade" sem um

franzir de sobrolho. Essa atitude "fascizante" de Dirty Harry valeu a Eastwood ser crismado durante muitos anos com o rótulo de "ultra-direitista", sendo exemplo recorrente, para a crítica dos anos 70, do "fascismo cinematográfico".

Ora o que faz grande parte da singularidade "autoral" de Eastwood é o facto de, a partir de dada altura, ter começado a filmar deliberadamente contra essa imagem. O que une **Unforgiven** e **A Perfect World** de modo tão sólido é o facto serem provavelmente os filmes onde essa auto-decomposição é levada mais longe, e cada um reportando-se a um género específico: se no "cow-boy" atormentado e envelhecido do primeiro filme é o Eastwood de Leone que se esbate, em **A Perfect World** a personagem de Dirty Harry que é, quase totalmente, anulada. Primeiro, porque neste filme se reconhece o "direito à dignidade" daqueles que se encontram nas margens da sociedade: já não temos um ponto de vista ancorado exclusivamente na "lei" e na "ordem". Pelo contrário, esse ponto de vista desdobra-se, dando até muito mais importância à figura do fora-da-lei (Kevin Costner, de longe no seu melhor papel). Depois, e porventura de modo muito mais acutilante, através da caracterização obviamente desagradável de uma personagem secundária que é, indubitavelmente, o verdadeiro correspondente de Dirty Harry: o atirador do FBI que acabará por alvejar Costner, e que no seu pragmatismo e nas suas "certezas" é um parente (muito) próximo do famoso polícia de São Francisco. O murro que Eastwood lhe dá depois da morte de Costner é, em plano metafórico, também um murro em Dirty Harry. Ao contrário deste e dos seus "aprendizes", Eastwood já não tem certezas, como de seguida confessa: *"I don't know nothing. Not a damn thing"*. Frase que poderia ser a epígrafe do filme.

Fora esse "ajuste de contas" com a sua própria imagem, Eastwood faz de **A Perfect World** uma belíssima história de amor (filial e paternal) impossível (que, de certa forma, acaba por abrir caminho para a incursão declarada no melodrama em **The Bridges of Madison County**, seu filme seguinte). O verdadeiro núcleo dramático do filme reside na relação entre Kevin Costner e o miúdo (T.J. Lowther) tomado como refém. Da vida de ambos está ausente a figura paterna, pelo que Costner transforma-se, a pouco e pouco, no pai que nem ele nem a personagem de T.J. Lowther tiveram. Também por aí, o "mundo perfeito" de que fala o título tem uma ressonância profundamente desencantada: a única vez que a expressão ecoa nos diálogos do filme é quando Laura Dern conclui que "num mundo perfeito, estas coisas não aconteceriam". E é a sensação de que este mundo não é absolutamente nada "perfeito" que se vai instalando progressivamente, à medida que as certezas vão dando lugar às dúvidas, preparando o caminho para o reconhecimento final de Eastwood de que "não sabe absolutamente nada". Um mundo perfeito seria um mundo maniqueísta, em que Bem e Mal não se misturassem e surgissem evidentes na sua clareza. Seria o mundo de Dirty Harry. Ora se há coisa que este filme nos diz, é que o mundo de Dirty Harry não existe.

Luís Miguel Oliveira

(Texto redigido em 1995, no contexto do Ciclo "Do Céu Vieram as Estrelas").